

Pessoal docente/Membro do Conselho Pedagógico

P: De uma forma sucinta, faça, por favor, uma apresentação de si próprio. Há quantos anos lecciona nesta escola? Faz parte de algum órgão directivo da escola?

R: Nesta escola trabalho há cerca de 28 anos. Fiz aqui o meu curso superior de piano numa altura em que era permitido fazê-lo. Presentemente lecciono as disciplinas de Piano e Formação Musical e faço Piano de Acompanhamento. Integro o Conselho Pedagógico, para isso fui eleita pelo grupo disciplinar. O mandato é de dois anos.

P: Considera-se um professor activo e interventivo na vida da escola?

R: Sim, dentro das minhas possibilidades procuro ser uma pessoa interventiva.

P: Os contactos que mantém com o director pedagógico/direcção pedagógica da escola são efectuados com que finalidade? Como procede para resolver assuntos de carácter administrativo? E pedagógico?

R: Por vezes dirijo-me à Direcção Pedagógica para resolver assuntos de ordem pedagógica. Dialogámos também quando precisámos de marcar datas de audições e outras coisas inerentes à escola. Quando os assuntos são de natureza administrativa em princípio comunico com a DP que, por seu lado, os fará encaminhar para o órgão competente. De um modo geral canalizo o problema pela DP mas raramente tenho necessidade de resolver este tipo de situações.

P: Os problemas e assuntos que coloca ao director pedagógico/direcção pedagógica têm sido por norma resolvidos ou eternamente adiados?

R: De um modo geral são logo resolvidos. Dos poucos problemas que tenho apresentado sinto que há respostas imediatas. Por vezes também depende dos assuntos que pela sua maior ou menor complexidade não permitem respostas tão eficazes.

P: Quando propõe algum assunto que considera de interesse para a vida da escola a sua opinião normalmente é aceite?

R: Depende, nem sempre estão de acordo comigo. Nas reuniões do CP apresentamos as sugestões delineadas em grupo disciplinar. O CP tem poder de decisão e as suas propostas normalmente são tidas em consideração quer pela DP quer pela DA. No CP não está representada a DA facto que, por vezes, traz alguns condicionalismos à tomada de decisão porque acontece que, posteriormente, algumas propostas não avançam exactamente porque esbarram na vertente financeira. O CP terá que esperar pelo aval da administração e só depois poderá avançar. Isto é de facto condicionante mas, por norma, respeitam-se as decisões do CP.

P: As decisões de âmbito pedagógico e administrativo determinadas pelos superiores hierárquicos têm sido geralmente bem aceites por todos ou têm sido contestadas?

R: Nem sempre as decisões são do agrado de todos. Nem toda a gente aceita.

P: Considera haver na escola um ambiente favorecedor de práticas democráticas em que a participação dos diferentes actores na definição das políticas educativas é correntemente solicitada?

R: Os pais, como actores que deveriam demonstrar maior interesse, nem sempre se envolvem na escola, não participam. Mesmo nas reuniões para que são convocados aparece sempre uma minoria mas, depois, por fora são capaz de fazer as suas reclamações. A escola, por seu lado, tem solicitado a colaboração dos professores na planificação das actividades. À partida todos tentam colaborar e prestar a melhor ajuda. Não é por falta de propostas que o Plano de Actividades sai mais ou menos enriquecido.

P: Em sua opinião quem define a estratégia da escola, o director pedagógico/direcção pedagógica ou a direcção administrativa? Quais destes actores reúne maior poder?

R: A DP define a parte pedagógica mas não sei até que ponto é que poderá imiscuir-se na parte administrativa e quais os seus poderes. Já integrei a DP e nem sempre tínhamos aquilo que pretendíamos. Esbarrávamos com

algumas dificuldades de ordem administrativa. Considero, no entanto, que há um maior predomínio da vertente pedagógica sobre a administrativa, embora, na minha opinião, a DP devesse ter maior poder de decisão que é, sem dúvida, condicionado aos interesses económico-financeiros da instituição. A DP, pelo que conheço, deveria ter maior autonomia para resolver as coisas mais de imediato sem estar constantemente dependente da componente administrativa.

P: Na sua perspectiva vê alguma vantagem na participação de actores externos na vida da sua escola, como pais e outros elementos da comunidade?

R: Somente na DA estão representados os pais e mesmo aí, porque são poucos os elementos que a constituem, só um pai ou outro participa nas decisões e tem conhecimento das coisas, do que se decide. Pelo menos nas reuniões, os pais, deveriam estar mais presentes e apresentar os seus pontos de vista e até as suas críticas. Isto para mim seria vantajoso. Esporadicamente têm aparecido propostas interessantes dos pais mas, normalmente, verifica-se que reclamam mais por fora, parece que não têm coragem para dizer o que pensam directa e frontalmente. Essa participação, na minha opinião, se fosse mais efectiva traria maior discussão, mais contributos se dariam, o que seria vantajoso para a escola.

P: Na sua opinião quem sabe mais da vida da escola, sobre os alunos, os professores, os pais, etc.?

R: Pode haver um elemento ou outro, normalmente um professor com mais experiência, com uma permanência de muitos anos na escola. Escolher uma pessoa não é fácil, mas vislumbro uma pessoa que é capaz de congregar em si esses atributos: é a prof. M. A. que foi responsável muitos anos pela DP da escola e integrou também a DA e está muito embrenhada em todos os assuntos relevantes da escola. Presentemente, não estando em nenhum órgão de administração e gestão continua a ter um enorme protagonismo e respeito de todos. No entanto, reconheço noutras pessoas capacidade de liderança e um certo carisma. Emergem também alguns professores mais jovens que começam a ter um papel importante na escola.

P: Se por um dia lhe fosse concedido o poder de mudar algo na sua escola, o que faria preferencialmente?

R: Na parte pedagógica procederia de imediato a alterações nos programas, nomeadamente na disciplina de Piano. Estão desadequados e desajustados à idade dos alunos. O programa de exame do curso básico é extremamente difícil e exigente. Os alunos não têm maturidade para realizar um programa tão exigente. Alunos de 14, 15 anos, por muito que se esforcem e se empenhem não conseguem, na sua maioria, ultrapassar as dificuldades. É muito difícil e os alunos não têm estrutura para executarem certas obras do programa que exigem conhecimentos mais profundos e outra maturidade. Ao nível da escola, não me tenho preocupado muito com isso. Não gosto nem tenho feitio para interferir nesses assuntos.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Agostinho Vieira, Junho/2003